

## EDITORIAL

### DO PASSADO PARA O FUTURO...

AP 2319

Não estão ainda cumpridos sete anos desde que a anestesiologia brasileira celebrou o Congresso Mundial da nossa especialidade. Nessa data tive a grande honra de representar a anestesiologia portuguesa e o inestimável prazer de preparar, no Rio de Janeiro, e ratificar, em São Paulo, as bases que estruturaram a Federação das Sociedades de Anestesiologia dos Povos da Língua Portuguesa.

Este evento assentou no entusiasmo de homens de idealmas, creio bem, muitos se terão interrogado sobre a forma prática de dar realidade a este entendimento, pleno de promessas e, ao mesmo tempo, cheio de dificuldades circunstanciais.

Dêsde logo, um oceano une Portugal e o Brasil, no tempo, mas separa-os na distância e à vivência das tradições que ligam os povos das duas nações opõe-se, no nosso caso, uma vida profissional de raízes desiguais e métodos de trabalho diversificados. A S.B.A., congregando os esforços dos colegas brasileiros trava as suas duras batalhas do dia a dia perante condicionalismos diversos dos da sua congénere portuguesa, diferente no seu estatuto, cada uma agindo com parâmetros próprios, impostos pelas características do meio onde se inserem e pela problemática das ocasionalidades a que, respectivamente, tem de fazer face.

Contudo, é reconfortante pensar como, por vèzes, a vontade dos homens desmente suposições pessimistas, mesmo quando estas parecem lógicas.

Na verdade, findo o curto lapso de tempo de um ano, a Federação das Sociedades de Anestesiologia dos Povos da Língua Portuguesa surge já como força dinâmica, com a celebração do I Congresso Luso-Brasileiro, efetuado, em 1965, na "cidade maravilhosa".

Congresso inesquecível para a representação lusa por muitas razões, sendo a principal a gentileza tão "carioca"

como foi tratada e o calor da amizade brasileira que a distinguiu. Aí nos sentimos "em família"; próximos da intimidade de companheiros de trabalho e de amigos e aí nos foi logo possível admirar, na sua real grandeza, a pujança e a qualidade profissional da anestesiologia do país irmão. Ao voltar ao Brasil, na qualidade de Presidente da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, foi-me possível ter a alegria de ser acompanhado por um grupo de anestesistas portugueses não pequeno para as dificuldades próprias a uma deslocação grande e demorada, além de coincidir com a realização de um congresso espanhol, para o qual já estava comprometida uma representação portuguesa.

Em 1966 inicia esta Revista o seu aparecimento como órgão oficial da Federação, fato de transcendente importância na sua capacidade presente de alargar, progressivamente, o conhecimento do que pensamos e fazemos em cada uma das duas nações e um fato da maior importância para o futuro, na potencialidade de levar a territórios espalhados pelo mundo o produto do labor científico dos anestesiólogos que escrevem em língua lusa. Redator em Portugal desta publicação, sem mérito que me qualifique para tal, devo à amabilidade de amigos, por certo, essa honra e a minha presença neste editorial.

Logo depois, Lisboa, em 1968, teve o gosto de receber os participantes brasileiros ao II Congresso Luso-Brasileiro, acontecimento que, deliberadamente, se quis projetar na vida científica da anestesiologia europeia, chamando a êle larga representação de distintos colegas e eminentes personalidades de várias nações do mundo. A sua internacionalidade, ao tirar-lhe algo de sentido familiar, foi uma afirmação de existência que não passou despercebida.

Assim, nestes sete anos passados, não se poderá dizer que a Federação das Sociedades de Anestesiologia dos Povos da Língua Portuguesa estagnou em intenções sem objetividade ou que foi pouco fértil em realizações de alcance positivo, isto já sem referir os encontros e as convivências que cimentaram mais fundas amizades e melhor compreensão entre homens que, antes, não se conheciam e colegas que se ignoravam.

Mas, é válida a pergunta sobre que real força atuante se fundamenta o trabalho realizado e porque estamos, neste ano de 1971, em vésperas de novo acontecimento de vulto na vida da Federação, ou seja, o III Congresso Luso-Brasileiro que ocorrerá em outubro próximo.

A mim, parece-me fácil e lógica a resposta para esta interrogação. Na verdade, há um elo inegável que devemos

*guardar porque diz respeito, hoje, a muitos milhões de pessoas e, no futuro, a muitos mais. Referimo-nos, como é evidente, à língua portuguesa, patrimônio das duas nações e traço de união que logo sente o português que desembarca em terras brasileiras ou o brasileiro que chega a terras portuguesas. É pela comunidade da língua que, sobretudo, se manifestam as afinidades dos dois povos, "como, ainda há pouco, foi afirmado por voz autorizada, deste lado do Atlântico.*

*Parece-me que andarão longe da verdade os que minimizarem a importância deste fato. Podem esses pensarem o que quiserem, mas a realidade das coisas mostra que, com mais ou menos sotaque, com maior ou menor número de palavras dialetais, o tempo vai construindo radicações da língua portuguesa e trabalhando para um luso-tropicalismo que alarga o espaço onde as vozes brasileiras ou portuguesas têm compreensão direta e a audição que desejarem.*

*Pelo que diz respeito aos anesthesiologistas de Portugal, é lógico que não possam ser ainda muitos em cada deslocação às terras do Brasil, para dar presença física nas reuniões que a Federação das Sociedades de Anestesiologia dos Povos da Língua Portuguesa faça promover. Mas pode manter-se a certeza de que os ecos desses acontecimentos são vividos pelos que vão e pelos que ficam, pois todos nós temos desejo de realizar, partindo do passado para o futuro.*

DR. HUGO GOMES  
Redator em Portugal